

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**RELAÇÕES JOCOSAS ENTRE UM GRUPO DE HOMOSSEXUAIS NA CIDADE DE
MAPUTO**

Autor: Nelson André Mugabe

Supervisor: dr. Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Julho 2012

**RELAÇÕES JOCOSAS ENTRE UM GRUPO DE HOMOSSEXUAIS NA CIDADE DE
MAPUTO**

Autor

Nelson André Mugabe

**Trabalho de conclusão do curso de Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências
Sociais da Universidade Eduardo Mondlane**

O Supervisor

Emídio Gune

O Presidente

Omar Madime

O Oponente

Euclides Gonçalves

Maputo, Julho 2012

Declaração de honra

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Nelson André Mugabe

À memória da minha avó Marieta Wate e meu colega da Universidade Eduardo Lourenço Mate,
Dedico o presente estudo.

Agradecimentos

Agradeço aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, por me terem ensinado a antropologia, e souberam ao seu modo, despertar em mim conhecimentos que carregarei pelo resto da vida. De modo singular aos que tiveram a paciência de ler as versões sucessivas deste trabalho por terem ajudado a melhorá-lo: ao dr. Elísio Jossias, dr. Euclides Gonçalves e dra. Xénia Carvalho, obrigado pelos comentários e críticas.

Ao dr. Emídio Vieira Salomone Gune, que para além de supervisor, é um profissional que admiro. Agradeço as suas sugestões e orientações, pois possibilitaram-me escrever este trabalho. Obrigado por ter ensinado a antropologia. A tua análise inspira-me a querer melhorar na carreira académica.

Aos colegas do curso de Antropologia 2008 especialmente Assuade Salimo, Arlindo Uate, Genito Sousa, Joaquim Simango, Renaldo Manhiça e Tomázia Pitta agradeço pelo convívio, pelas discussões ricas, pela partilha das angústias da vida académica e ajuda disponibilizada para a realização deste trabalho. Ao dr. Octávio Zimbico agradeço pelo material disponibilizado e paciência na leitura deste trabalho.

Aos meus pais André Mugabe e Regina Mondlane (*Nwalifredo*), apesar das adversidades estimularam-me nos estudos, na busca do conhecimento, companheirismo e respeito pelo outro. Aos meus irmãos Ginarosa, Noémia, Jeremias, Emília e Abdul obrigado pelo apoio incondicional, vocês tornaram-se estímulos para busca de luta e desafios.

Agradeço aos meus *brother's* Alex, Adérito, Mendes e minha companheira Mércia que por muito tempo ouviram-me a falar deste trabalho. Agradeço inteiramente aos informantes do presente estudo que partilharam suas experiências e transmitiram-me os seus conhecimentos para concretizar a presente monografia. A estes e todo(a)s aquele(a)s que de alguma forma, contribuíram para minha formação académica e ajudaram na realização do presente estudo.

Meu muito obrigado!

Índice

Declaração de honra.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vii
CAPÍTULO 1	1
1. Introdução.....	1
CAPÍTULO 2	4
2.1 Revisão da literatura.....	4
2.2 Conceptualização.....	6
CAPÍTULO 3	8
3.1 Questões metodológicas.....	8
3.2 Critério de selecção dos participantes do estudo.....	8
3.3 Técnicas de recolha de dados.....	9
3.4 Perfil dos participantes do estudo.....	10
3.5 Procedimentos de sistematização e análise dos dados.....	11
3.6 Desafios do trabalho.....	11
CAPÍTULO 4	13
4.1 Discursos de gays e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais.....	13
4.1.1 <i>Manas</i> escandalosas, <i>sapatonas</i> sérias.....	13
4.1.2 Você não é “ <i>bofê</i> ”, querida! Você é “ <i>mana</i> ”: a ridicularização dos “versáteis”.....	17
4.2 Você só “lambe” querida. Eu vou te “comer”: Relações jocosas no espaço público.....	19
CAPÍTULO 5	23
5 Considerações preliminares.....	23
Referências	24

Resumo

O presente estudo explora os discursos de *gays* e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais entre um grupo de *gays* e entre estes e um grupo de lésbicas. A questão das percepções e representações das homossexualidades têm sido analisadas a partir de duas abordagens. A primeira abordagem argumenta que os heterossexuais discriminam e ridicularizam os homossexuais. A segunda abordagem defende que existe discriminação e ridicularização mesmo entre os homossexuais. Se por um lado, a primeira abordagem dá oportunidade de mostrar a discriminação e ridicularização que os heterossexuais fazem para os homossexuais, por outro lado perde de vista que a discriminação e a ridicularização podem ocorrer dentro de cada um dos grupos. Por seu turno, a segunda abordagem possibilita perceber que a ridicularização ocorre também entre os homossexuais, mas não mostra quais as coisas que os homossexuais discriminam e ridicularizam nos outros.

Com base no material etnográfico, o presente estudo indica tal qual a segunda abordagem que o acto de discriminar e ridicularizar as homossexualidades ocorre mesmo entre os *gays* e as lésbicas. Contudo, neste estudo é possível identificar aspectos específicos que são discriminados e ridicularizados pelos homossexuais, nomeadamente, fazer coisas tidas como “incorrectas” tais como, fazer sexo com parceiros dos outros, fazer sexo em lugares considerados inapropriados, fazer sexo de forma considerada excessiva e ser ambíguo nos papéis sexuais. Em contrapartida são valorizados aqueles homossexuais que cumpram as regras e valores relacionados ao lugar sexual, estado civil dos parceiros, frequência das práticas sexuais e papéis desejáveis no relacionamento afectivo-sexual. Entretanto, mesmo os que seguem os valores e regras no espaço público do grupo existe quebra dos valores e regras vigentes através de relações jocosas.

Palavras-chave: *Gays* e lésbicas, homossexualidades e relações jocosas

CAPÍTULO 1

1. Introdução

O presente estudo explora os discursos de *gays* e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais entre um grupo de *gays* e entre estes e um grupo de lésbicas. A questão das representações sociais das homossexualidades tem sido analisada a partir de duas perspectivas.

A primeira perspectiva, explica que a sociedade e as instituições sociais que são predominantemente heterossexuais discriminam e ridicularizam as homossexualidades (Simon; Wolfe apud Nunan 2004; Lima Lopes 2005 e Nunan *et al* 2010). Ainda nesta perspectiva, alguns autores para além de sugerir que as instituições discriminam e ridicularizam os homossexuais tipificam os preconceitos e a ridicularização em abertos e discretos (Lacerda *et al* 2002; Falcão 2004; Pereira 2004 e Fluery e Torres 2007)¹.

Esta perspectiva possibilita olhar para as representações feitas pela sociedade e instituições sociais para os homossexuais, mas tem como limitante o facto de olhar os heterossexuais e homossexuais como dois grupos homogêneos e antagónicos, como mostra Alonge para quem “quase sempre quando se fala de grupos sociais específicos, tende-se a homogeneizá-los, pois existe a ideia de conceber os homossexuais como um grupo homogêneo, mas isso é um risco e um grande equívoco” (2007:260). Ao proceder dessa forma essa perspectiva perde de vista que a discriminação e a ridicularização podem ocorrer também dentro de cada um dos grupos, o que faz com que perca a diversidade e as contradições que podem existir dentro de cada grupo. E como indica MacRae (1990) a população homossexual não é homogênea nem na sua preferência sexual nem em sua vivência.

Diferentemente da primeira, a segunda perspectiva explica que existe discriminação e ridicularização entre os homossexuais e os principais alvos dessa ridicularização e discriminação são os homossexuais masculinos. Por exemplo, Scardua e Souza-Filho (2006) explicam que entre

¹Para estes autores a ridicularização aberta e directa é aquela que é feita pelos preconceituosos flagrantes aqueles que expressam mais emoções negativas do que positiva em relação aos homossexuais. E a ridicularização discreta refere-se a preconceituosos subtis aqueles que expressam poucas emoções negativas e positivas contra homossexuais (Lacerda *et al* 2002; Falcão 2004; Pereira 2004 e Fluery e Torres 2007).

um grupo de homossexuais, os discursos dos homens ilustram aspectos negativos, para descreverem os homossexuais. Irigaray *et al* (2010) também observam que os homossexuais particularmente os masculinos, utilizam o humor como meio de manifestação de discriminação em relação a si próprios, enquanto membros de um grupo social. Entretanto, se por um lado esta perspectiva assume a possibilidade de ocorrência da ridicularização e discriminação dentro do grupo de homossexuais, por outro lado limita-se porque não explica quais as coisas que os homossexuais ridicularizam e discriminam nos outros e nem como os *gays* percebem as lésbicas.

Como forma de ir para além desta perspectiva, este estudo ilustra as formas da ridicularização entre um grupo de *gays* e estes e um grupo de lésbicas, com base nos discursos que referenciam o comportamento e práticas sexuais dos *gays* e das lésbicas.

Para compreender os discursos dos *gays* e lésbicas foi realizado um estudo etnográfico em locais seleccionados na cidade de Maputo. Os dados do presente estudo ilustram, que no grupo estudado existe regras e valores relacionados ao lugar sexual, estado civil dos parceiros, frequência das práticas sexuais e papéis sexuais desejáveis, aqueles que seguem essas as regras e valores são valorizados, em contrapartida aqueles que agem fora dessas regras e valores são desvalorizados, ridicularizados e discriminados. Entretanto, mesmo os que seguem as regras e valores no espaço público existe quebra de regras e valores vigentes através de relações jocosas.

O presente estudo está organizado em cinco capítulos. Feita a presente introdução onde apresento a problemática de investigação, as potencialidades e limitações das perspectivas que debruçam sobre percepções das homossexualidades. No segundo capítulo discuto e apresento a revisão da literatura sobre as percepções das homossexualidades que fundamentam a análise do presente trabalho. Ainda neste capítulo defino alguns conceitos utilizados no presente trabalho.

No terceiro capítulo descrevo a trajectória da pesquisa, as técnicas utilizadas para recolha, análise e sistematização dos dados, os critérios de selecção dos participantes, os perfis dos participantes e os desafios do trabalho de campo.

No quarto capítulo procedo à análise e discussão dos resultados da experiência etnográfica à luz da revisão da literatura. Este capítulo é composto por dois pontos. No primeiro ponto apresento valores e normas que um grupo de *gays* tipificados de *gays* “correctos” preserva e respeita e por

isso, discriminam e ridicularizam as acções de um grupo de *gays* tidos como “incorrectos”. De forma contrária lésbicas e *gays* que se conforma com valores são respeitados e admirados. De seguida mostro que existem papéis sexuais aceitáveis e valorizadas e se alguém é indefinido no papel sexual é ridicularizado e desvalorizado. No segundo e último ponto mostro que, mesmo os que seguem as regras e valores no espaço público existe quebra de regras e valores através de relações jocosas entre os membros do grupo analisado.

No quinto e último capítulo, faço as considerações preliminares dos dados do presente estudo, bem como possibilidade de análise para estudos futuros no sentido de aprofundar a presente temática.

CAPÍTULO 2

2.1 Revisão da literatura

O debate sobre representações sociais sobre as homossexualidades centra-se em duas principais linhas de discussão a serem apresentados nesta parte. A primeira linha analisa como as homossexualidades são representadas pela sociedade e instituições sociais. Esta linha de discussão explica que as instituições sociais tais como a Família, Escola, Igreja, os Heterossexuais, o Estado discriminam e ridicularizam as homossexualidades.

Nesta linha de discussão autores como Simon; Wolfe apud Nunan (2004) defendem que os homossexuais são discriminados e ridicularizados por heterossexuais e associados a anormais, imorais, pecadores, marginais, promíscuos, efeminados, complicados e pouco confiáveis. Ainda nesta linha encontra-se Lima Lopes, que explica que “ a imensa maioria dos gays e lésbicas nasce em famílias heterossexuais e convive a maior parte de sua vida com heterossexuais (população majoritária) aliás, em ambientes em que são submetidos a violência moral e física” (2005:82-83).

Autores como Simon; Wolfe apud Nunan (2004) Nunan *et al* (2010) e Lima Lopes (2005) documentam como os heterossexuais discriminam e ridicularizam os homossexuais Por exemplo, Nunan *et al* notam que “as instituições sociais (tais como Família, Escola, Igreja e Estado), meios de comunicação de massa em geral produzem estereótipos de que os homossexuais são inferiores, que possuem defeitos de carácter moral” (2010:255).

A discussão de autores como Lima Lopes (2005); Simon; Wolfe apud Nunan (2004) e Nunan *et al* (2010) sugere que os heterossexuais discriminam e ridicularizam os homossexuais. Se as constatações desses autores podem corresponder à verdade para alguns casos, existe outros casos nos quais a discriminação e ridicularização são evocadas pelos *gays* e lésbicas para referirem o comportamento e práticas sexuais das homossexualidades como veremos nas sessões seguintes do presente estudo. Contudo, a opressão, discriminação e ridicularização pelas instituições sociais também ocorrem entre membros homossexuais e heterossexuais. No concernente a este aspecto, Rios explica que:

uma vez institucionalizado, o heterossexismo manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas tais como a linguagem e o sistema jurídico. Dai advém, de um lado, superioridade e privilégios a todos que se adequam a tal parâmetro, e de outro, opressão e prejuízos a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e até os heterossexuais que porventura se afastem do padrão de heterossexualidade imposto (Rios, 2007: 120-121).

A postura de Rios permite também perceber que existem heterossexuais alvos de opressão pelas instituições culturais, o que revela que não apenas os homossexuais são alvos de violência, prejuízos e estereótipos pelas instituições sociais.

Diferentemente da primeira, a segunda linha de discussão argumenta que os próprios homossexuais discriminam e ridicularizam-se uns aos outros. Nesta linha de discussão mostra-se como os gays e lésbicas percebem as homossexualidades.

Nesta linha de discussão, a pesquisa realizada por Scardua e Souza-Filho (2006) indica características sociais e morais atribuídas aos homossexuais pelos homossexuais masculinos e femininos. Estes autores concluem que entre os homossexuais, os homens apresentam aspectos negativos para descreverem os homossexuais masculinos.

Para Scardua e Souza-Filho, os homens apresentam mais os aspectos negativos para descrever os homossexuais masculinos porque “os homens privilegiam o âmbito público, consolidam mais espaços de socialização entre si, possibilitando haver maior divergência no interior do próprio grupo, fazendo com que certas características não sejam valorizadas por uma parte dele” (2006:489).

Na mesma vertente com Scardua e Souza-Filho a pesquisa realizada por Irigaray *et al* (2010) argumenta que os homossexuais utilizam o humor como instrumento de sanção social e é por meio da ironia que se acusam de efeminados. Estes autores concluem que os homossexuais utilizam o humor como meio de manifestação de discriminação em relação a si próprios, enquanto membros de um grupo social. Nesta linha de discussão mostra-se que a discriminação e a ridicularização não são feitas apenas de heterossexuais para os homossexuais, mas também os próprios homossexuais discriminam e ridicularizam-se uns aos outros através de estereótipos e humor.

Da literatura captou-se que na questão de percepções e representações sociais sobre homossexualidades existem duas linhas de discussão. A primeira linha de discussão explica que as instituições sociais discriminam e ridicularizam as homossexualidades. Nesta linha os heterossexuais e homossexuais são grupos homogêneos e nesse processo os homossexuais são os discriminados e ridicularizados pelos heterossexuais. Ao se proceder desta forma perde-se a complexidade dos grupos.

A segunda linha de discussão defende que os homossexuais discriminam e ridicularizam-se uns aos outros. Embora esta linha de discussão abra espaço para a compreensão da heterogeneidade dos grupos sociais, ela não permite perceber quais as coisas os gays e lésbicas discriminam e ridicularizam-se uns aos outros e como os *gays* percebem as lésbicas.

2.2 Conceptualização

No presente estudo usa-se os conceitos de homossexualidades, relações jocosas e percepções. A preferência conceitual de homossexualidades foi inspirada, pelo raciocínio de Rossi que defende que ao usar o conceito de homossexualidades “tenta-se abranger grande parte das manifestações de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo” (2009:18). Nesta leitura de homossexualidades os termos *gays* e lésbicas são usados para “referir alguém que já assumiu a sua identidade sexual a nível pessoal ou social” (Frazão e Rosário 2008:25). Estes são alguns termos usados pelos participantes no contexto estudado para referirem as suas identidades e dos outros².

Neste estudo concebo relações jocosas na definição apresentada por Radcliffe-Brown que defende que:

What is meant by the term ‘joking relationship’ is a relation between two persons in which one is by custom permitted, and in some instances required, to tease or make fun of the other, who in turn is required to take no offence. It is important to distinguish two main varieties. In one the relation is symmetrical; each of the two persons teases or makes fun of the other. In the other variety the relation is asymmetrical; A jokes at the

² No contexto pesquisado é comum dentro do grupo de sociabilidade, para além das expressões *gays* e lésbicas as pessoas se tratarem por *mana* e *sapatona* para identificarem a si e outros sujeitos com práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. Este assunto será discutido no capítulo 4 da presente monografia.

expense of B and B accepts the teasing good humouredly but without retaliating; or A teases B as much as he pleases and B in return teases A only a little (1940:195)³.

No caso específico das relações jocosas entre *gays* e lésbicas tendo em conta os termos propostos por Radcliffe-Brown ocorre relações jocosas simétricas e estas relações fazem parte do quotidiano destes grupos e se expressa através de brincadeiras que referenciam, por exemplo, a sexualidade (práticas sexuais) dos *gays* e das lésbicas no espaço de sociabilidade do grupo.

Neste estudo utilizo o conceito de percepção proposto por Chauí (1996) para designar a maneira pela qual percebemos e significamos as coisas, valores e sentidos tendo em conta as normas e categorias desse contexto. Assim, no presente estudo percepção designa as ideias e visões do mundo que os *gays* e lésbicas têm, e através dos quais orientam as suas convivências quotidianas.

³ O significado do termo “relação jocosa” é uma relação entre duas pessoas na qual uma delas tem permissão, pelos costumes, e em alguns casos a obrigação, de troçar ou fazer graça de outra que, por sua vez não pode se ofender. É importante distinguir duas variantes principais deste tipo de relação. Numa delas, a relação é simétrica: cada uma das pessoas provoca ou faz gozação da outra. Na outra variante, a relação é assimétrica: A faz graça de B e B aceita a provocação com bom humor, mas sem retaliação; ou então A provoca B tanto quanto queira e B, provoca A apenas um pouco (Tradução livre).

CAPÍTULO 3

3.1 Questões metodológicas

Este estudo é de carácter exploratório. Explora discursos de *gays* e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais entre um grupo de *gays* e entre estes com grupo de lésbicas. O presente estudo ilustra apenas discursos dos *gays* que se consideram “correctos” e não ilustra os discursos dos *gays* tidos como “incorrectos”, por causa de insuficiência orçamental para prosseguir com essa análise.

O presente estudo foi realizado em três fases complementares: uma teórica, outra etnográfica e a última a análise e discussão dos resultados. A primeira fase decorreu desde Fevereiro de 2011 e prolongou-se durante a elaboração do estudo e consistiu na pesquisa bibliográfica efectuada na biblioteca Brazão Mazula, na biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia e na biblioteca do Centro de Estudos Africanos. Estas bibliotecas localizam-se na Universidade Eduardo Mondlane. Também foram pesquisadas revistas electrónicas na *internet*.

Nestas bibliotecas consultei obras que debatem sobre homossexualidades e metodologia de pesquisa em ciências sociais, na *internet* consultei revistas sobre representações e percepções atribuídas as homossexualidades e relações jocosas. Esta fase possibilitou conhecer e familiarizar o estado de arte da pesquisa sobre esta temática e tornou possível a aquisição de perspectiva de análise sobre as percepções das homossexualidades.

A segunda fase decorreu no período de Julho de 2011 a Novembro de 2011, com retorno ao campo para complementar as informações nas duas primeiras semanas de Fevereiro de 2012 e consistiu em realizar o trabalho etnográfico com pessoas que se afirmam *gays* e lésbicas e moram na cidade de Maputo. E a última parte decorreu de Novembro de 2011 a Junho de 2012 e consistiu na análise e discussão dos dados recolhidos durante o trabalho etnográfico.

3.2 Critério de selecção dos participantes do estudo

A selecção dos participantes deste estudo foi intencional⁴, seleccionei *gays* e lésbicas como parte do universo populacional do presente estudo. O processo de identificação dos participantes

⁴ De acordo Richardson (1999), uma selecção é intencional quando os elementos que formam o grupo alvo são escolhidos de acordo com certas características formuladas pelo pesquisador.

obedeceu dois momentos. No primeiro momento identifiquei indivíduos a partir de características exteriores dos indivíduos e no segundo momento os participantes identificados permitiram aceder aos outros participantes. Quanto aos critérios de selecção no caso dos homens foram seleccionados para este estudo homens que usavam maquilhagens, calças apertadas e no processo da interacção se consideravam *gays* e segundo foram seleccionadas mulheres que se consideravam lésbicas.

Para localização dos participantes fui a dois locais. O primeiro local escolhido foi Saul no Bairro de Maxaquene. Este local foi indicado por amigos que vivem no bairro Polana Caniço “A”. No Saul existe uma barraca (Casa de Gelado e *Take Away*) que nas sextas-feiras é frequentado por pessoas que os meus amigos consideram *gays*. Nessa barraca foi apresentado uma pessoa e que por sinal se considerava *gay* e posteriormente convidei para participar nesta pesquisa. O segundo local foi a Lambda que é uma associação que trabalha em prol de defesa das minorias sexuais e dos direitos sexuais de *gays*, lésbicas, bissexuais e travestis. Chegado a este local fui convidado a participar numa secção de cinema. Depois de assistir o filme conversei com algumas mulheres e homens que na interacção afirmavam-se lésbicas e *gays* e posteriormente foram convidadas para participar nesta pesquisa.

3.3 Técnicas de recolha de dados

A recolha de dados foi feita com base na observação directa e entrevistas semi-estruturadas. As observações foram usadas para descrever comportamentos, atitudes e formas de tratamentos que os sujeitos deste estudo apresentam nas suas interacções sociais. As observações decorreram na Lambda, na praia e nas residências dos participantes. As observações na Lambda foram feitas nos meios de semanas no período da manhã. As observações que ocorreram em locais como a praia e nas residências dos participantes do estudo foram feitas nos finais de semana no período de tarde.

As observações permitiram constatar que os participantes no grupo têm relações de brincadeira e seleccionam algumas expressões utilizadas pelas pessoas no meio social de Maputo e trocam o seu conteúdo para referirem certas actividades que dizem respeito, por exemplo, aos aspectos sexuais ou para identificarem os homens que lhes atraem e para referirem aos órgãos genitais.

No trabalho etnográfico realizei entrevistas semi-estruturadas. Nos participantes procurei ganhar familiaridade e confiança através de conversas informais e posteriormente iniciei com as entrevistas. Foram realizadas nove conversas em espaços públicos e privados. Os locais públicos foram a Lambda e jardim dona Berta. Nestes locais realizei um total de seis conversas e em cada local ocorreram três conversas. Estes locais foram escolhidos pelos participantes em comunhão com o pesquisador. As restantes conversas aconteceram nas residências dos participantes, pois os mesmos preferiram assim porque estavam sem tempo no meio de semana.

As conversas feitas em locais públicos decorreram no meio de semana, no período da manhã e tinham uma duração de duas horas. As que foram feitas nas residências dos participantes uma decorreu no meio de semana no período da manhã e duas decorreram no fim-de-semana, no período da tarde e ambas conversas tiveram uma duração de três à quatro horas. As entrevistas permitiram perceber o ponto de vista dos participantes do estudo acerca do que pensam sobre o comportamento e as práticas sexuais das homossexualidades.

3.4 Perfil dos participantes do estudo

No trabalho etnográfico conversei com um total de nove participantes, com idades compreendidas entre 18-25 anos e com níveis de escolaridade entre básico incompleto e superior incompleto. Na sua maioria os participantes deste estudo são estudantes e poucos exerciam actividades profissionais. Todos os participantes vivem nos arredores da cidade de Maputo. No presente estudo a identidade dos participantes será preservada, a partir de uso de nomes fictícios. A tabela abaixo apresenta de modo detalhado o perfil dos participantes do estudo.

Participantes	Idade	Escolaridade	Ocupação	Residência
Donald	19	2º Ano ensino superior	Estudante	Laulane
John	19	1º Ano ensino superior	Estudante	Ronil
Ruben	20	Ensino médio incompleto	Estudante e Estilista	Polana Caniço "A"
Devis	20	Ensino médio	Estudante	Polana Caniço "A"
Vasco	23	Ensino médio	Funcionário e Act. da Lambda	Costa do Sol
Clóvis	24	Ensino básico incompleto	Estudante	Polana Caniço "B"
Mevassa	18	Ensino médio incompleto	Estudante	Hulene
Delia	24	Ensino médio	Activista da Lambda	Maxaquene "D"
Lisa	25	Ensino médio incompleto	Estudante	Mafalala

3.5 Procedimentos de sistematização e análise dos dados

Durante o trabalho etnográfico quatro conversas foram gravadas com o consentimento dos participantes e cinco conversas foram anotadas em um caderno de notas, porque os participantes negaram que gravasse as conversas. Concluídas as gravações e as anotações, as conversas gravadas foram transcritas e as observações e notas das conversas foram passadas a limpo. Depois procurei olhar o que os participantes do estudo disseram e pensaram sobre o comportamento e práticas sexuais das homossexualidades. Este procedimento ajudou-me a compreender as semelhanças e as diferenças existentes nas conversas.

A análise de dados consistiu em dois momentos. O primeiro momento foi a selecção, categorização e interpretação de depoimentos extraídos das conversas que se referem a ridicularização e discriminação do comportamento e práticas sexuais das homossexualidades. E segundo momento foi a selecção, categorização e interpretação de depoimentos extraídos das conversas e observações que se referem relações jocosas entre lésbicas e gays. Foi a partir desse processos que foram criados os tópicos e as descrições de cada tópico são ilustradas por discursos dos participantes e discutidas com recurso à revisão da literatura.

3.6 Desafios do trabalho

Durante a realização deste trabalho o pesquisador deparou-se com dois desafios. O primeiro desafio diz respeito ao processo de recolha de dado e o segundo e último, desafio diz respeito a escrita etnográfica.

No processo de recolha de dado, no início da pesquisa etnográfica não consegui fazer uma ruptura com os valores no que diz respeito aos assuntos sexuais que preconizam uma relação sexual entre um homem e uma mulher, embora consciente do relativismo cultural, que leva a aceitar a diferença e apreender valores e costumes sociais no seu contexto.

A título de exemplo, no decurso do trabalho etnográfico, pensei em desistir da pesquisa quando dois sujeitos que auto-denominam-se *gay*, um queria namorar comigo e disse que podia existir uma relação secreta houve altura que este participante começou a abraçar e às vezes sussurrava

aos ouvidos. O outro, depois de uma conversa e troca dos contactos, no terreno enviou uma mensagem onde dizia que gostou dos meus lábios e propunha beijar-me.

O antropólogo ficou constrangido com estes factos, mas estes constrangimentos foram superados inspirados nas constatações de que a antropologia reconhece diversas formas de vida sexual e procura compreendê-las no contexto em que estão inseridos e mostra as suas lógicas e coerências. Também aos poucos, e por vezes imperceptivelmente esses factos foram ultrapassados e comecei a sentir-se familiarizado com o grupo e passei a compreender alguns termos que usam no grupo de sociabilidade. Ainda, ao longo da pesquisa etnográfica nas fases das conversas com os participantes optei por dizer que tenho relações afectivo-sexuais com mulheres e estas conversas decorriam num ambiente particular. Esta estratégia ajudou-me porque os participantes informados circularam a informação e passei a ser visto como amigo simpaticante.

Durante a pesquisa etnográfica, alguns participantes mesmo tendo aceite conversar e fazer parte deste estudo nos locais previamente marcados para as conversas faltavam. Este facto fez-me ficar no campo mais tempo do que o planeado.

No processo da escrita das experiências etnográficas esforcei-me em dar sentido a práticas e situações dos participantes de forma que possa ser percebido pelos leitores deste trabalho. Em contrapartida acabei por atribuir dupla identidade aos participantes como estratégia para fazer entender aos leitores, as minhas experiências sobre os “outros”, por exemplo, é corrente na interpretação das experiências etnográficas afirmar que *mana* é um homem e a *sapatona* é uma mulher.

CAPÍTULO 4

4.1 Discursos de gays e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais

No presente tópico ilustro valores presentes nos discursos dos participantes do estudo. Se alguns elementos do grupo comportam-se sem respeitar as regras e valores são discriminados e ridicularizados. Se no contexto estudado existe regras e valores privilegiados por um grupo de *gays* e lésbicas e que discrimina e ridiculariza os outros porque subverte as regras e valores, isso prova que no grupo de homossexuais do presente estudo existe heterogeneidade.

4.1.1 “Manas” escandalosas, “sapatonas” sérias

No grupo estudado existem valores e regras que regem as ações dos membros do grupo. Essas regras podem ser percebidas em discursos de aceitação e de negação. Os dados de estudo mostram que existe regras que os *gays* devem seguir nos seus relacionamentos nomeadamente fazer sexo com um único parceiro, fazer sexo em lugar discreto e fazer sexo de forma moderada.

No contexto estudado existe quem não cumpra as regras e essas pessoas são vistos como *gays* com práticas tidas como “incorrectas” nas suas relações sociais, porque se relacionam com parceiros dos outros, fazem sexo em lugar tidos como inapropriado e fazem sexo de forma considerada excessiva. Essas coisas feitas por *gays* tidos como “incorrectos” subvertem a ordem que regula a vida sexual no grupo estudado. O presente estudo corrobora o posicionamento segundo o qual “as regras, como sempre acontecem com quaisquer, são burladas com frequência” (Fry e MacRae 1985:46). Assim, os *gays* que subvertem as regras são discriminados, ridicularizados e evitados tê-los como amigos:

uma das coisas que vejo, nos *gays* a maioria dos *gays* são falsos, existe muita falsidade, nos *gays*, tudo bem é normal, mas você (...) eu posso trazer um namorado e apresentar ao grupo aí todo mundo no papo pode torcer pelo namoro, tipo força, enquanto no fundo no fundo dizem tomara que se dê mal, no meu ponto de vista somos todos falsos principalmente *manas*, *manas* 100% *manas*, que fazem o papel de mulher, são as ditas *manas*, nas *manas* só tenho conhecidos. Amigo *gay* não quero porque são falsos as *manas* *come on, I'm so sorry* (Vasco, 23 anos).

Por sua vez Ruben identifica as *manas* da seguinte maneira:

a maior concorrência dessas bichas são homens, competem homem (riso) porque toda bicha gosta de homem (riso), uma têm que ser bonita que a outra com um poder que a outra. É mesma coisa com mulher, mas a mulher aí é que está; as mulheres se apaixonam

mas bicha não. Bicha quer homem porque só quer, tipo exibir, tipo têm poder essa coisa toda, enquanto uma mulher pode ter um namorado pobre, feio, mas se ela ama fica com esse não é para exibir é para satisfação dela, enquanto bicha não. Quando vê que é feio, hiii só vai servir no momento e nunca mais é apresentado. A preocupação do *gay*, aquelas bichas é que encontre um homem que lhe coma. Olha eu não gosto muito de ter amizade bicha. É um oi tudo bom, bicha é cínico oi olá, tudo bem, enquanto na primeira desgraça só vão te rir, pior faneco pode chegar lá – oi, olá... tudo bem, mas quando sai vão começar a falar mal, mas essa é isso é aquilo (Ruben, 20 anos).

Nestas narrativas, os participantes revelam comportamento que os *gays* tidos como “incorrectos” apresentam no quotidiano em que alguns *gays* envolvem-se com parceiros dos outros e preocupam-se em exibir o seu estatuto no grupo.

Se Simon; Wolfe apud Nunan 2004; Lima Lopes 2005 e Nunan *et al* 2010 no contexto dos seus estudos constataram que os heterossexuais discriminam e ridicularizam os homossexuais sugerem que estes dois grupos são homogéneos e antagónico, o presente estudo sugere que no grupo de homossexuais existe heterogeneidade nas suas vivências e comportamentos. E alguns membros do grupo privilegiam certos valores e regras e discriminam e ridicularizam outros membros do grupo tidos como subvertores das regras e valores estabelecidos.

Esta análise de heterogeneidade, neste contexto em estudo é similar ao posicionamento de que a “população homossexual não é homogénea nem na sua preferência sexual nem em sua vivência” (MacRae, 1990) . A ideia de MacRae pode ser aliada a de Alonge quando explica que “quase sempre quando se fala de grupos sociais específicos, tende-se a homogeneizá-los, pois existe a ideia de conceber os homossexuais como um grupo homogéneo, mas isso é um risco e um grande equívoco” (2007:260), perde-se de vista a sua heterogeneidade.

No contexto explorado, o facto de existirem *manas* que fazem sexo de forma considerada excessiva e em locais considerados inapropriados como eventos *manas party's* e alguns pautarem por uma “vida negra” em que referencia a aqueles *gays* que se prostituem e sujeitam-se a quaisquer actividades pelo dinheiro são ridicularizados e rotulados de aventureiros sexuais:

se tem uma coisa que não consigo compreender o que é. É a atitude que certos *gays* têm, mas acho que isso parte mais por causa do sexo. É tipo quanto se trata-se do *gay* a primeira imagem é sexo, então as pessoas passaram essa imagem, mas isso é verdade juro, as *manas* têm uma gana do sexo que eu não entendo que vem dá onde (riso) eu não sei porquê você, é tipo vivem mais um mundo de aventura sexual não que todos sejam assim, mas a maioria é assim. Isso não é bom, porque o que acontece, é tipo conheci este aqui e estamos a nos relacionar, depois vai conhecer outra pessoa e logo gostou e vai

deixar essa aqui, se relacionou com outra pessoa transam tudo mais, confusão só (Devis, 20 anos).

Um outro participante do estudo em relações a práticas sexuais das homossexualidades masculinas revelou o seguinte:

algumas *manas* não se preocupam com formação académica querem encontrar um homem que lhe banca financeiramente, não preferem se formar, ficam de braços cruzados alguns até se prostituem, isso juro que o que lhes interessa é só curtir e lá no meio da curtição estão a busca de homem do tipo tenho que me dar bem, essa atitude é errada, porque primeiro outros só querem *cantar*, *dançar* principalmente quando vão a festa *manas party's* (Clóvis, 24 anos).

Nestas narrativas, percebe-se que alguns *gays* relacionam-se com vários parceiros, vivem só para o sexo e com frequência em espaço considerado inapropriado e desinteressam-se em estudar.

No grupo estudado existe uma selecção de termos utilizados no meio social de Maputo para significar certas actividades relacionados, por exemplo, com a sexualidade. Assim as expressões *cantar* e *dançar* que no quotidiano significam respectivamente que alguém está a entoar ou emitir sons musicais com a voz e fazer movimentos e passos corporais ao som da música, são apropriados pelos *gays* que dão outro sentido para se referir respectivamente a *fellatio* (sexo oral) e sexo anal no grupo de sociabilidade:

dançar é fazer muito sexo, do tipo ontem transei, então se estou com minha brada hetero para não dizer ontem transei, digo que ontem como *dancei*, enquanto outro percebe que hiii ontem *dancei* demais. As *manas* percebem o que é *dançar*. Agora *cantar* aí, não vou falar (riso) é tipo quando a pessoa aí meu Deus a pessoa fez *broche* (em voz baixa), aí meu Deus para *cantar* normalmente as cantoras têm que usar microfones as *manas* dizem *cantei*. É tipo microfone é sexo nesse caso ela está a fazer *broche* no *bofe* (Ruben, 20 anos).

No discurso dos *gays* as lésbicas são percebidas como pessoas sérias, compreensíveis e determinadas. Assim, por terem essas características, elas são admiradas e valorizadas, pois preservam as normas aceites pelos *gays* entrevistados.

tenho pouca relação com lésbicas, mas as que converso com elas são pessoas muito comportadas que ao conversar com elas tiras proveitos do que dizem, diferente das *manas* que tiram informação de ti para te desgraçar (...) as lésbicas por interiorizar características do lado masculino, são responsável, têm mais objectivos na vida. Elas são adultas por dentro, não fazem brincadeiras mesquinhas de quer roubar namorado, de ser falso com os outros como os *gays* fazem, excepto eu não gosto disso (...) as lésbicas não fazem competição, mas os *gays* fazem competição por causa de homem, mas têm aqueles

que procuram uma relação seria como eu, e quando nego *paquera* numa festa algumas *manas* ficam escandalizados (Jhon, 19 anos).

Outro participante nota que:

as lésbicas são divertidas, pessoas mais sinceras, que se preocupam consigo mesma (...) tipo como posso dizer (...), elas são pessoas determinadas, elas não estão preocupadas com coisa instantânea, quando estão numa festa só querem dançar mesmo aquele tipo dançar que todo mundo conhece dificilmente vai encontrar uma lésbica nas esquinas a acontecer algo íntimo daquele que né tipo transar, mas com *manas*, (...), *manas* privatizam casa de banho quando se trata de sexo, as lésbicas nunca vi ou ouvi uma coisa dessa, elas são muito amigas, são pessoas verdadeiras, são daqueles que gostou, não gostou, elas são normais, pessoas como qualquer um (Vasco, 23 anos).

Nestas narrativas, percebe-se que os participantes *gays* admiram e respeitam as lésbicas, porque são bem comportadas nas suas relações sociais e a nível afectivo sexual a sua intimidade ocorre em espaço privado e buscam relações estáveis com as suas parceiras.

Nas interacções entre *gays* e lésbicas estas últimas são designadas *sapatonas*. *Sapatonas* é um termo usada para designar às pessoas supostamente pertencentes à identidade feminina, que manifestam comportamentos típicos das pessoas de identidade sexual masculina. Esse comportamento se manifesta na forma como andam, na forma de vestir e o papel sexual que desempenham com a parceira.

As lésbicas percebem os *gays* como pessoas “efeminados”. Este termo referencia às pessoas, supostamente pertencentes à identidade masculina, que manifestam comportamentos tidos como típico das pessoas de identidade sexual feminina. Esse comportamento se manifesta na forma como essas pessoas gesticulam, fala e na forma de vestir. Para além de ser considerados “efeminados” também são associados à simpatia e diversão:

os *gays* afeminados são mais divertidos, extrovertidos, pelo que eles demonstram tipo de brincadeira descontraída não tem como identificar tipo uma pessoa descontraída, porque estão sempre dispostas a papo, piadinha, essas coisas (...). Os mais afeminados são mais divertidos, estão sempre a sugerir brincadeira, piadinha sei-lá, são pessoas que estão aptas a diversão não sei porquê, mas os que conheço pelo menos são mais para mulherezinhas, meio extrovertidos e brincalhões (Delia, 24, anos).

Nesta narrativa, percebe-se que a participante lésbica considera os *gays* como pessoas bem-humoradas e associados a atributos de feminilidade e a diversão.

Os discursos dos participantes do estudo permitem compreender que no contexto explorado existem um conjunto de valores que regulam as suas acções na vida social. E as pessoas que estão dentro do grupo e fazem coisas tidas como inapropriadas, por exemplo, fazer sexo em excesso, fazer sexo em lugar inapropriados e fazem sexo com parceiros dos outros são contestados e ridicularizados porque contrariam os valores e regras vigentes, nomeadamente, fazer sexo com apenas um parceiro, fazer sexo em lugares discretos e fazer sexo de forma moderada. De forma contrária lésbicas e *gays* que se conforma com os valores e regras são admirados e respeitados porque preservam os valores e regras aceites.

4.1.2 Você não é “bofe”, querida! Você é “mana”: a ridicularização dos “versáteis”

Os discursos dos participantes do presente estudo ilustram que nos relacionamentos afectivo-sexuais os *gays* organizam-se em *bofes* e *manas*. O termo *bofe* designa pessoas que pertencem à identidade masculina que na relação afectivo-sexual penetra. O termo *mana* no meio social de Maputo significa irmã mais velha, mas no grupo de sociabilidade designa sujeitos masculinos que são penetrados na relação afectivo-sexual com pessoas do mesmo sexo. Assim, no grupo se espera que o *bofe* se relaciona com *mana*. E ainda o *bofe* e a *mana* devem ter posturas específicas nas relações afectivo-sexuais:

um activo não deve ter tique eu conheço alguns que dizem que um homem activo não sente desejo de fazer bororó que é cantar sei- lá (...) é tipo com ele é só beijo carícia e penetração, o resto faz a passiva. Os passivos não aceitam ser pego pênis porque sentem-se mulher do tipo não há necessidade de você pegar ai você é homem tá pegar ai para quê, um activo, activo não deve ter essas tendências ele é homem (Devis, 20 anos).

No mesmo fio de pensamento Jhon ilustra certas posturas na relação afectivo-sexual:

nos *gays* ou és homem ou mulher se estas no meio és o quê? Os *bofes* têm as mesmas atitudes com as lésbicas, mas que *bofe* é esse e que *sapatona* é essa que come e é comido, fazerem isso estão a demonstrar fraqueza. Então se tu és *mana* és mulher, então estas a penetrar para quê, tu és mulher. *Mana* deve se contentar pela *dança*. *Bofe* que começa a beijar demais é desconfiado. (...) É assim, tipo se tu és galo estás a deixar essa galinha a cacarejar para quê, ou se tu és galo queres por ovos para quê? A posição aceite ou é *mana* ou *bofe* qualquer que tenta ir contra essa regra sai prejudicado (Jhon, 19 anos).

Nestas narrativas, percebe-se que no grupo estudado existem duas categorias aceites a se relacionar sexualmente a *mana* vs *bofe* vice-versa e os indivíduos com estes papéis têm que ter certas posturas aceites nas relações sexuais.

No contexto estudado, qualquer *bofe/mana* que exerce simultaneamente o papel tanto de *mana* quanto *bofe* respectivamente são denominado de *versáteis* e tidos como indefinidos porque subvertem os papéis e as posturas sexuais valorizadas por alguns elementos do grupo. E os *versáteis* são contestados e ridicularizados por serem ambíguos nos papéis sexuais. E conforme alguns discursos dos participantes do estudo a ideia que têm dos gays *versáteis* expressa-se da seguinte maneira:

mana é um passivo, você vai chamar *mana* de activo, activo é *bofe*, *mana* é aquele que exerce papel de mulher, se és um *versátil*, és *mana* ai não há como (Donald, 19 anos).

Na mesma linha de pensamento, outro participante afirmou:

quando és activo e de repente ele é passivo neste caso é penetrado, aquilo fica gozo tipo éheheee, o meu ex-namorado agora já não é ele, é ela, porque agora virou *versátil* e quando tu viras *versátil* já não olham mais para naquele lado *versátil* porque nós sabemos que *versátil*, no meio da versatilidade todos podem ser passivo e activo, mas aqui há quem se sente mais no lado activo - aquele que se sente mais no lado de homem aquele que penetra e passivo - aquele que se sente mais no lado de mulher aquele que é penetrado, mas os dois podem fazer esses dois lados, por isso são *versáteis*, mas geralmente, os passivos quando olham um activo que virou *versátil* olham para ele como mulher, tipo porque já sente necessidade de ser passivo também (Devis, 20 anos).

Nestas narrativas, percebe-se que no contexto estudado os gays *versáteis* são repudiados como objecto erótico devido a sua suposta indefinição nos papéis sexuais. E em consequência disso os participantes desvalorizam os *gays versáteis*.

Os discursos sobre as práticas sexuais ilustram que as *manas* e *bofes* respeitam e valorizam as pessoas que cabem nos papéis de *manas* que referencia aqueles que são penetrados na relação sexual, e os *bofes* que referencia aqueles que penetram na relação sexual e ridicularizam os “*versáteis*”:

ontem estava a conversar com tonny. Dizemos que o mais triste é o preconceito entre nós mesmos. É tipo um homossexual ter preconceitos dos outros. Entre nós quando um homossexual, tem daquilo que numa primeira fase entra como activo né. Depois com tempo descobre que sente desejo de outro lado passivo, quando os outros descobrem têm aqueles que começam a chamar-te de nome, começam a dizer este é aquilo, por exemplo, tipo meu marido virou minha marida tipo ele virou ela. Tipo andava a nos enganar que era activo enquanto é passivo, tipo sei-lá coisinhas assim desse género. Se tu tens uma orientação *versátil* as *manas* focam mais aquele lado passivo, olham para ti como olham uma mulher (Devis 20 anos).

No contexto estudado os discursos dos participantes do estudo sobre as práticas sexuais possibilitam compreender que valoriza-se e reconhece como desejável o relacionamento entre *manas* e *bofes*. Contrariamente ser *versátil* no relacionamento afectivo-sexual é ser ambíguo o que é contestado porque subvertem a ordem vigente segundo qual o *bofe* se relaciona com a *mana* e vice-versa.

4.2 Você só “lambe” querida. Eu vou te “comer”: Relações jocosas no espaço público

Neste tópico com base nos dados procuro ilustrar que se por um lado, existe regra estabelecida de que as práticas sexuais devem ocorrer em espaços discretos por outro lado, no espaço público existe uma subversão simbólica desta regra no grupo dos *gays* e *lésbicas* através de relações de brincadeira no grupo.

As *sapatonas* são percebidos pelos *gays* como “lambedoras” e comumente são percebidas como pessoas com língua comprida, devido ao facto de usarem-na nas suas relações afectivo-sexuais. E em consequência disso, no espaço alguns *gays* provocam e gozam das *sapatonas* nas interacções ao colocarem a língua fora e fazê-la vibrar repetidamente como símbolo que ilustra que as *sapatonas* no espaço privado usam a língua nas suas práticas sexuais. Outros participantes *gays* percebem as *sapatonas* como pessoas másculas do que femininas deste as atitudes comportamentais e a indumentária.

No contexto explorado pude observar que as *sapatonas* no espaço público gozam e provocam as *manas* ao simular na brincadeira o papel de penetrador. A brincadeira consiste em a *sapatonas* pegar e acariciar a *mana* e a *mana* aceita este comportamento e sorri da brincadeira sem se sentir ofendido e *sapatonas* pronuncia em voz alta “vou te comer”.

Após várias semanas de convivência com grupo estudado pude perceber numa tarde em que um grupo de quatro pessoas estavam no rés-do-chão da Associação Lambda (onde ficam os computadores para os membros investigarem. No local existiam dois computadores e apenas um estava em funcionamento) um exemplo de relacionamento jocosos que as “*sapatonas*” manifestam em relação as *manas*. Estávamos todos a conversar e a rir quando uma “*sapatonas*” se aproximou e acabou por sentar neste espaço (onde eu estava e mais quatro pessoas). Eu já tinha

visto a “*sapatona*” no contexto estudado e segundo as conversas com os participantes ela é uma pessoa comportada e séria.

A “*sapatona*” cumprimentou a todos, tinha aproximadamente 1.70m de altura, forte, tinha feito trança, usava óculos, e estava vestida de uma camiseta, calça de pano e chinelos. No grupo, um dos membros estava a investigar no computador (*facebook*) eu e um outro membro do grupo estávamos sentados nas cadeiras e outros dois estavam sentados nas escadas que dão acesso ao primeiro andar da Associação Lambda. Depois de nos ter cumprimentado a “*sapatona*” perguntou quem segue para investigar no computador um dos membros que estava sentado na escada respondeu que era ele. A “*sapatona*” respondeu *okay* sigo a ti e aproximou-se dele e começou a lhe abraçar e roçar encostando-lhe na parede, os outros começaram a rir e um dos membros disse que ela só lambe, depois de alguns minutos a “*sapatona*” disse *ah! Eu vou te comer bem mesmo* diz isso enquanto estava a levantar a pessoa que estava sentado e acariciava, simulava posição sexual e a pessoa gritava *ai! mama* a rir e a *sapatona* disse *estão a ver* enquanto os outros estão a sorrir da brincadeira.

Esta brincadeira ilustra que no espaço público as lésbicas subvertem a imagem de comportadas e sérias ao trazer brincadeira que simula sexo no espaço público para provocar e gozar as *manas*. Assim as *sapatonas* mostram na relação de brincadeira falta de respeito com as práticas sexuais das *manas*. E a única obrigação que existe neste grupo é que as *manas* aceitem este comportamento sem tomar como uma ofensa.

O termo *sapatona* é uma apropriação do contexto brasileiro usado tanto pelas homossexualidades masculinas quanto pelas femininas para denominar sujeitos femininos que têm relações afetivo-sexual com pessoas do mesmo sexo e que socialmente apresentam papéis masculinos. Assim, o termo *sapatona* designa as “lésbicas masculinas” e os *gays/manas* usam este termo sem cunho pejorativo com vista a menosprezar as lésbicas nas conversas (não necessariamente por motivo de briga, mas simples brincadeira). No discurso de uma participante o uso do termo *sapatona* é uma forma de minimizar a agressão que normalmente este termo tem quando é utilizado em outros contextos fora do grupo e no grupo este termo é utilizado com um intuito simultaneamente jocoso e emblemático.

sapatonas é tipo uma expressão descontraída, olha o termo é um xingamento que dão as lésbicas no Brasil e mesmo aqui nos bairros algumas pessoas provocava, tipo olha lá aquela *sapatonas*, mas nós no grupo transformamos a palavra em algo divertido para chamar-nos, as pessoas de fora levam como xingamento, mas nos não, nos usamos fluentemente do tipo para nos não é nada serve de humor e brincadeira para nós, já não é uma ofensa, nós nos chamamos assim, meninos com mamas, mas usamos *sapatonas* (Delia, 24 anos).

Nesta narrativa, percebe-se que no contexto analisado, diferente de outros contexto como Brasil a expressão *sapatonas* tem carácter de brincadeira e divertimento para os gays e lésbica.

No grupo estudado o uso da expressão *mana* e *sapatonas* vai para além de denominar as identidades colectivas. Usar estas expressões para auto denominar aos outros implicitamente revela a preferência do papel sexual desempenhado pela pessoa. Por exemplo, quando no grupo diz-se que fulano é *mana* implicitamente estão a referir-se a um homem que assume o papel de penetrada na relação afectivo-sexual. E quando diz-se fulana é *sapatonas* implicitamente estão a referir-se a uma mulher que assume o papel de penetradora na relação afectivo-sexual.

As observações efectuadas no contexto estudado, permite pensar que as relações entre estes dois grupos são análogas com o que Radcliffe-Brown chamou de “relações jocosas”. Enquadro as relações dos gays e lésbicas nas “relações jocosas”, pois tanto os *gays* quanto as lésbicas provocam e gozam-se uns aos outros através de brincadeiras concedidas. E isso só é observável no nível dos comportamentos e não nos discursos. Conforme Radcliffe-Brown (1940), as “relações jocosas” têm duas variantes a relação simétrica e a relação assimétrica.

No contexto explorado a brincadeira é simétrica, pois nota-se que os *gays* provocam e gozam as lésbicas ao colocarem a língua para fora e fazê-lo vibrar repetidamente como forma de exhibir no espaço público o que as lésbicas fazem no espaço privado com as suas parceiras. Assim ao colocar a língua para fora é um símbolo que metaforicamente os *gays* usam para mostram implicitamente o que as *sapatonas* fazem com a língua nas suas práticas sexuais e por seu torno as *sapatonas* aceita a provocação e também fazem gozação com as *manas* ao simular práticas sexuais nas brincadeiras onde as *sapatonas* desempenham papel de penetrador e a *mana* obedece os movimentos simulados pelas *sapatonas*.

No contexto estudado no grupo de sociabilidade existe uma subversão simbólica dos valores e regras na relação de brincadeira. E tanto os *gays* quanto as lésbicas mostram falta de respeito e

uma certa liberdade de fazerem gozações e provocações que estão relacionados, por exemplo, a sexualidade (práticas sexuais), os atributos físicos, um acontecimento qualquer que envolve um dos membros do grupo. O acto de gozar e provocar é acompanhado de riso no espaço público dos participantes do estudo e sem que os *gays* e lésbicas se sintam ofendidas com as brincadeiras.

CAPÍTULO 5

5 Considerações preliminares

O presente estudo explorou os discursos de *gays* e lésbicas sobre o comportamento e práticas sexuais entre um grupo de *gays* e entre estes e um grupo de lésbicas. O estudo conclui que no contexto estudado existe regras de que os homossexuais devem se relacionar com apenas um parceiro, fazer sexo em lugares discretos, fazer sexo de forma moderada e é desejável ser definido nos papéis sexuais. Em contrapartida aqueles que não cumpram as regras e valores vigentes são discriminados e ridicularizados. Entretanto, mesmo os que seguem os valores e regras no espaço público existe quebra dos valores e regras através de relações jocosas.

Este estudo insere-se na mesma linha de autores como (Scardua e Souza-Filho 2006 e Irigaray *et al* 2010) segundo os quais mesmo entre os homossexuais existe a discriminação e ridicularização. Apesar dessa similaridade, neste estudo é possível identificar aspectos específicos que são discriminados e ridicularizados pelos homossexuais, nomeadamente, fazer sexo com parceiros dos outros, fazer sexo em lugares considerados inapropriados, fazer sexo de forma considerada excessiva e ser ambíguo nos papéis sexuais. Este estudo difere da linha de autores como (Simon; Wolfe apud Nunan 2004; Lima Lopes 2005 e Nunan *et al* 2010), que explicam que as instituições sociais predominantemente heterossexuais é que discriminam e ridicularizam os homossexuais.

Este estudo sugere que a discriminação e a ridicularização que assenta na orientação sexual diferenciada entre heterossexuais contra homossexuais é contextual. Pois, no contexto estudado os homossexuais discriminam e ridicularizam o comportamento e práticas sexuais um grupo de *gays* tidos como “incorrectos”.

Neste estudo apenas ilustro discursos dos *gays* que se acham “correctos” futuramente pensa-se explorar por um lado, como os *gays* categorizados neste estudo de “incorrectos” pensam sobre o comportamento e práticas sexuais das *manas*, *sapatonas*, *bofes* e das parceiras das *sapatonas*; como as *manas* e *bofes* percebem o comportamento e práticas sexuais das parceiras das *sapatonas* e o que os *bofes* pensam e dizem sobre o comportamento das *sapatonas* vice-versa. Por outro lado, explorar o papel da relação de brincadeira, suas regras e o significado que tem para os membros do grupo analisado.

Referências

Alonge, W. 2007. “Homossociabilidade Midiática do Silenciamento aos Relatos Íntimos da Auto Afirmação Identitária em Blogs Gays.” *Revista Bagoas* 1: 249-268.

Chauí, M.1996. *Convite à Filosofia* (8ª edição). São Paulo: Ática.

Fry, P. e MacRae, E. 1985. *O que é Homossexualidade?* . São Paulo: Editora Brasiliense.

Falcão, L. C. (2004). *Adoção de Criança por Homossexuais: Crenças e Formas de Preconceito*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

Fleury, A.R.D. e Torres, A.R.R. 2007. “Análise Psicossocial do Preconceito Contra Homossexuais.” *Estudos de Psicologia* 12 (4): 475-486.

Frazão, P. e Rosário, R. 2008. “O *Coming out* de Gays e Lésbicas e as Relações Familiares.” *Análise Psicológica* 1 (XXVI): 25-45.

Irigaray, H. A.R; Saraiva, L.A.S. e Pádua-Carrieri. A. 2010. “Humor e Discriminação por Orientação Sexual no Ambiente Organizacional.” *Revista Administração Científica* 14 (5): 890-906 acessado em 17/08/2011 às 18:11. Disponível em [http:// www.anpad.org.br/rac](http://www.anpad.org.br/rac)

Lacerda, M; Pereira, C. e Camino, L. 2002. “Um Estudo Sobre as Formas de Preconceitos contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais.” *Psicologia Reflexão e Crítica* 15 (1): 165-178.

Lima Lopes, J. R. 2005. “O Direito ao Reconhecimento para Gays e Lésbicas.” *Revista Internacional de Direitos Humanos* 2 (2): 64-95.

MacRae, E. 1990. *A Construção da Igualdade: Identidade sexual e Política no Brasil da Abertura*. Campinas: EDUNICAMP.

Nunan, A. 2004. “A Violência Domestica entre Casais Homossexuais: O Segundo Armário?” *Psico* 35 (1): 67-78.

Nunan, A; Jablonski, B. e Féres-Carneiro, T. 2010. “O Preconceito Sexual Internalizado por Homossexuais Masculinos.” *Interacção Psicol* 14 (2): 255-262.

Pereira, A. S. L. (2004). *Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito Contra Homossexuais*. Tese de Mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

Radcliffe-Brown, A.R. 1940. “On Joking Relationships.” *Africa: Journal of the International African Institute* 13 (3): 195-210.

Richardson, R. J. 1999. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas* (3ª edição). São Paulo: Editora ATLAS.

Rios, R. R. 2007. “O Conceito de Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação” in Rios, R. R. (org.). *Em Defesa dos Direitos Sexuais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

Rossi, E. A. (2009). *Cinema no Armário: Desconstruindo as Representações das Homossexualidades Masculinas no Cinema Brasileiro*. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Sexualidade e Relações de Género- Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Scardua, A. e Souza-Filho, E. A. 2006. “O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais: Perspectivas Homossexuais e Heterossexuais.” *Psicologia: Reflexão e Crítica* 19 (3): 482-490.